

# O Regresso das Ditaduras?

António Costa Pinto

7	Introdução: estarão as ditaduras de volta?
II	As ditaduras: tipos e variedade
33	Ditaduras e instituições políticas
57	Repressão e coerção
73	As várias faces do autoritarismo contemporâneo. Uma nova vaga?
85	Conclusão
93	Referências Bibliográficas

## Introdução: estarão as ditaduras de volta?

Após algumas décadas de inúmeras transições do autoritarismo à democracia no final do século xx, estarão as ditaduras de regresso? De facto, entre antigas e novas, as ditaduras dominam hoje mais de um terço do mundo. Aliás, a Freedom House estimava, em 2019, que a liberdade global se encontrava em declínio. No entanto, mais importante do que o seu número — e como, sob o ponto de vista do poder internacional, os países não são todos iguais —, é fácil de observar que o autoritarismo domina grandes potências, como a Rússia e a China, ou países com grande importância estratégica para o mundo, como alguns produtores de petróleo e de outras matérias-primas, como nos casos da Arábia Saudita e das monarquias do Golfo, ou da Venezuela de Chávez e Maduro.

Algumas ditaduras sobreviveram ao fim da Guerra Fria e à chamada «terceira vaga de democratização», demonstrando grande capacidade de adaptação e resiliência, e outras são novas ou sofreram mudanças ligeiras. A China contemporânea poderia ser a mais interessante «evolução na continuidade», para usar uma expressão conhecida na fase final do Estado Novo português. Outras ditaduras conheceram sucessões familistas,

quase dinásticas, e no início do século xx estavam ainda próximas do totalitarismo, como, por exemplo, a Coreia do Norte. Nas últimas décadas, os regimes autoritários cresceram em número, mas sobretudo em variedade, marcando desde a quase totalidade dos países que nasceram da antiga União Soviética à ainda hesitante deriva autoritária de Erdogan na Turquia, ou de Orbán na Hungria.

Este ensaio pretende ser uma introdução às ditaduras e aos seus modos de dominação política. Ainda que as autocracias tenham mais variedade institucional do que as democracias, ambas têm muito em comum. Tal como aconteceu com o salazarismo em Portugal, têm partidos únicos ou dominantes, têm parlamentos e também organizam eleições. Às vezes reprimem selvaticamente, mas também cooptam e integram as massas e as elites; outras vezes podem mesmo ser, conjuntamente, populares para certos segmentos da sociedade. A diversidade tem sido grande: das ditaduras comunistas às militares, ou às monarquias tradicionalistas; das ditaduras de direita às de esquerda, ou às de difícil classificação, como a de Juan Perón na Argentina.

Nos últimos anos, no entanto, o modelo dominante das novas ditaduras tem sido o dos regimes que «se vestem como democracias» (Gandhi, 2008). São, em certo sentido, «regimes híbridos» ou «autoritarismos competitivos» (Levitsky & Way, 2010): organizam eleições, permitem a existência legal de vários partidos, não têm censuras rígidas, mas encontram novos meios de distorcer os resultados eleitorais, reprimir a cidadania e controlar a comunicação social a favor da elite dominante.

Ainda que as ditaduras socialistas, por exemplo, tenham chegado ao poder com base em dinâmicas políticas, sociais e ideológicas bem diferentes e até antagônicas às de direita — do fascismo às ditaduras militares —, elas partilham alguns «universais»: a tendência para a personalização do poder, um partido único ou dominante, ou ainda a repressão mais ou menos completa das liberdades fundamentais, bem como a ameaça constante à integridade física da cidadania.

Entre os vários estereótipos sobre as ditaduras que dominam o mundo de hoje, aquele que prevalece é ainda o que as encara como obras individuais de tiranos brutais, como Hitler, Estaline, Mao, Saddam Hussein, o general Franco ou Pinochet. Mas ainda que centrais, os ditadores, como vamos ver, estão longe de governar sozinhos. Elites, instituições, crises, cooptação, dependência internacional, guerras, golpes e revoluções marcam e determinam a vida das ditaduras, como, aliás, a das democracias.